

NOTAS SOBRE DUAS POSSÍVEIS CORRENTES DE EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA BAHIA

Nilton Vasco da Gama

1 INTRODUÇÃO

A nossa preocupação com as variantes da língua portuguesa usadas na Bahia levou-nos a examinar, faz alguns anos, as cartas do **Atlas prévio dos falares baianos** (Rossi, 1963), num trabalho preparatório para a elaboração do **Questionário**(¹) que aplicamos na região de Maragogipe. O referido exame nos possibilitou observar a coincidência de áreas lingüísticas no território baiano. Através de algumas cartas, pudemos delimitar as citadas áreas e relacioná-las com os fatores extra-lingüísticos, sobretudo o fator histórico.

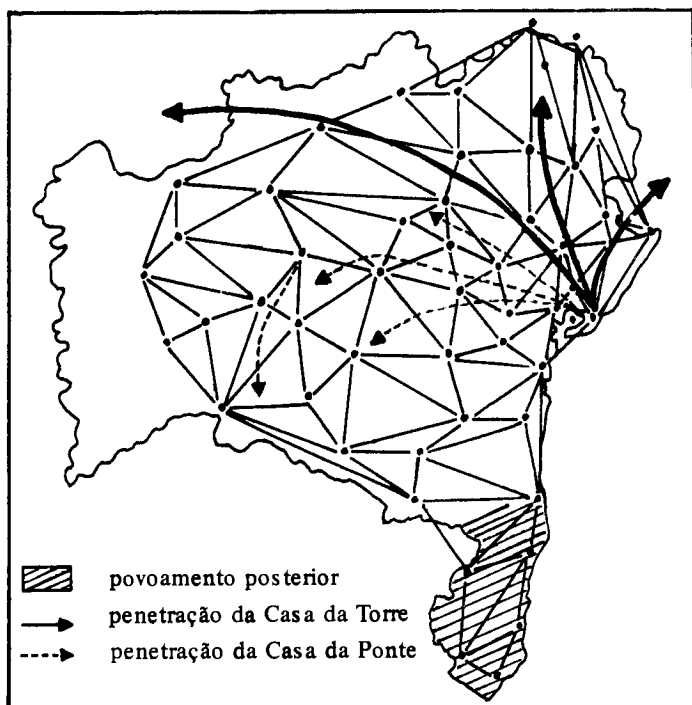
As cartas mostram uma incidência de linhas heteroglóssicas que partem do Recôncavo até ao vale do Rio São Francisco, ora mais ao norte, ora mais ao sul, deixando algumas vezes isolada a região do planalto próxima à fronteira de Minas, sem alcançar também a fronteira de Goiás e Piauí(²). Admitimos como hipótese a provável existência de duas correntes de expansão da língua portuguesa na Bahia, consequência das incursões dos desbravadores e da colonização do território (fator histórico). Os fatores étnico e social, vale notar, contribuem para fortalecer essa hipótese.

2 FATORES EXTRA-LINGÜÍSTICOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA BAHIA

2.1 FATOR HISTÓRICO

O povoamento da Bahia, partindo do Recôncavo Baiano⁽³⁾ verificou-se em duas direções. Entretanto, é necessário lembrar que o povoamento do Recôncavo só foi intensificado no fim do século XVI, com a expansão da cultura da cana, tendo como atividades subsidiárias as culturas do fumo e da mandioca, todas elas localizadas intensamente no Recôncavo até à primeira metade do século XX.

A primeira dessas correntes de povoamento partia do Recôncavo pelo litoral norte, alcançando o norte e o vale do Rio São Francisco pelo Rio Itapicuru, até ao Piauí. Eram as terras de pastagem da **Casa da Torre** de Tatuapara. A segunda procedia do Recôncavo, seguia os rios Paraguaçu e Jaguaribe até à região de Lençóis e Utinga, atingia o Rio São Francisco e chegava a Minas Gerais, dirigindo-se, portanto, para o centro e centro-sul do território. À **Casa da Ponte** pertencia, no século XVII, o território que ia de Morro do Chapéu à nascente do Rio das Velhas (Calmon, 1939, p.73). No Mapa 1, tentamos mostrar um esboço desses movimentos⁽⁴⁾.



Mapa 1 — Correntes de povoamento do território baiano.

As duas povoações apresentam características diferentes. A primeira tinha como principal objetivo a expansão da fazenda de gado da Casa da Torre; a segunda, a princípio, seguia o caminho das **minas**, ao tempo em que levava para estas o gado (o **caminho do gado**) e conquistava terras para a Casa da Ponte. A penetração do norte e nordeste possui como principal característica um habitat esparçado, enquanto o do centro e centro-oeste caracteriza-se pelos agrupamentos em volta da casa-grande e do engenho e, na região das minas, pelo desenvolvimento de **núcleos urbanos**, em virtude do interesse comercial imediato que essas minas despertavam.

A região de maior densidade de população é o Recôncavo, ponto focal da expansão, onde se situa a Cidade do Salvador, **centro metropolitano** desde o século XVI. Muito cedo, desenvolveu-se nessa zona uma população de habitat **urbano**. Vale acrescentar que as camadas sociais que povoaram estas regiões foram as mais diversas e de habitat diferente, onde predominava o elemento português, o que viria a repercutir, sem dúvida alguma, na diferenciação linguística⁽⁵⁾.

O litoral sul permanecia no século XVIII desabitado e os poucos núcleos existentes viviam apenas da lavoura de subsistência; somente em meados do século XIX, começou a ser povoado, desenvolvendo-se sobretudo no século XX.

Há de se considerar, portanto, no desbravamento e povoação do território baiano a povoação da zona do Recôncavo, a penetração e colonização do sertão, provenientes de duas grandes correntes de irradiação, a saber, a Casa da Torre (O.-N.O.-N.E.) e a Casa da Ponte (N.O.-O.-S.O.), quer fossem fazendas, centros de mineração ou comércio⁽⁶⁾. Além disso, temos as primeiras feitorias para defesa da costa e, posteriormente, o escoamento da produção interna.

2.2 O FATOR GEOGRÁFICO

Quanto aos fatores geográficos, dois aspectos devem ser ressaltados: a orografia e a hidrografia, ambos de importância relevante na expansão da língua.

À faixa litorânea seguem-se, ao nordeste, os vastos tabuleiros que se estendem até aos primeiros contrafortes do planalto. As montanhas percorrem o território de sul a norte, separando a bacia do São Francisco dos tabuleiros e das bacias litorâneas.

Os rios mais importantes para a penetração e conquista do sertão foram o Itapicuru e o Paraguaçu, enquanto os rios de Contas, Pardo e Jequitinhonha serviram de rumo para as expedições (entradas

e/ou bandeiras) que buscavam no sertão as serras guardiães das minas. O Rio São Francisco, por sua vez, foi o veículo de expansão para o norte e para o sul, trazendo para o território baiano o elemento colonizador de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Se as correntes de penetração seguiram de preferência os cursos dos rios, como vimos acima, o grande objetivo do conquistador na região montanhosa era a descoberta das minas. Nos tabuleiros, na zona litorânea do nordeste, do sertão do Rio São Francisco ao Piauí, instalaram-se os **currais** da Casa da Torre. Os objetivos de penetração criaram habitats diferentes, o que iria refletir-se na expansão da língua. Nos currais desenvolveram-se as habitações esparsas, com pouca aglomeração, enquanto no Recôncavo e na zona das minas, os núcleos **urbanos**. Nos primeiros o colonizador utilizava de preferência uma língua franca, com base no português, mas resultante do contato com a língua tupi. Nos centros **urbanos** a língua de comunicação era o português, elemento lingüístico nivelador, salientando-se a Bahia (Cidade do Salvador) como centro cultural dos mais importantes (Silva Neto, p. 66 et seq.).

2.3 O FATOR ÉTNICO

Dos três elementos povoadores do território, não resta dúvida quanto à maior importância do branco (português, espanhol, francês, holandês etc.) que predominava pela sua cultura européia, conseqüentemente pela língua. Indubitavelmente, eram os portugueses os mais importantes.

O elemento americano, autóctone, apresentava-se disseminado em tribos diversas, não possuindo unidade lingüística, apesar de grande parte delas pertencerem a dois grupos lingüísticos, o tupi e o jê. A superposição de estratos étnicos, decorrente do fato de a maioria das referidas tribos não representarem o estrato mais antigo de povoação, implica num inter-relacionamento entre a cultura e a língua desses povos. Embora as lutas inter-grupais não fossem raras, tornou-se o homem europeu o maior inimigo do índio, o que não impediu, entretanto, ter sido o índio, no desbravamento do sertão, o elemento mais importante no trabalho de penetração e conquista do território.

O negro, trazido ao Brasil, já se encontrava parcialmente em contato com a civilização européia, daí distinguir-se entre ladinos e boçais. Os ladinos eram exatamente aqueles que se mostravam familiarizados com a cultura e a língua do branco português. Apesar de conservarem a sua língua como variante social religiosa, ainda hoje utilizada como tal, logo vieram os negros a expressar-se em língua portuguesa.

2.4 O FATOR SOCIAL

Os fatores histórico, geográfico e étnico, acima examinados, mostram ter sido o homem branco o elemento de maior valorização social. Todavia, conquanto a mobilidade vertical da sociedade seja muito grande, possibilitando o acesso rápido dos mestiços (mamelucos ou mulatos), há de se distinguir entre uma classe social abastada, os nobres e/ou comerciantes, e os homens do povo, representados pelos artesãos, oficiais mecânicos, soldados etc. (Ott, p. 34-53). O homem branco, logo seguido dos mestiços que conseguiram ascensão social, representava a elite colonial (Silva Neto, p. 70-71).

Os pretos constituíam até ao fim do século XIX uma classe inferior, a dos escravos, sem direitos na estrutura social vigente e aos quais era vetada a ascensão social.

Os índios, de início também escravos, mas logo homens livres, dizimados na sua maior parte, ocupavam porção da zona rural, alguns ajudando os senhores de engenho, outros atacando as suas terras, sem se integrarem na sociedade branca. Sem a sua contribuição, no entanto, o homem europeu não teria podido sobreviver e conquistar o território. Distinguem-se, entre os índios, os elementos de ligação entre as duas culturas, os chamados *línguas*(7).

Podemos dizer, finalmente, que o fator social mais pertinente foi a valorização do elemento português ou do mestiço (com sangue português), — o que levou à europeização do território e à expansão da língua do conquistador, — sem deixar de ser fortemente influenciado pelos valores sociais americanos (adaptação do *modus vivendi*) e africanos.

3 FATORES LINGÜÍSTICOS

Como se sabe, contato de povos implica contato de línguas. Da análise dos fatores extra-lingüísticos, verificamos a existência de três tipos de contato, a saber: 1) português x índio, 2) português x africano, 3) índio x africano. Mas, se levarmos em conta que o índio e o africano ao entrarem em contato já conheciam a língua portuguesa, torna-se possível, a modelo do que fez Amado Alonso para explicar a base lingüística do espanhol da América, estabelecer as relações lingüísticas decorrentes dos contatos desses três povos, como demonstrado na Tabela I.

É lícito, pois, concluir ser a língua portuguesa o elemento nivelador entre as três culturas e, portanto, a base da língua franca usada no Brasil para comunicação geral, tornando-se, em consequência, importante como elemento de valorização social; para todos era a

Tab. 1 — Inter-relações de cultura e língua
no Brasil Colonial

POVOS	LÍNGUAS
português x índio	português x tupi
português x africano	português x 1. africanas
índio x africano	tupi x 1. africanas x português

língua geral de comunicação, para a minoria erudita dos centros culturais era a língua de comunicação com a Metrópole (Silva Neto, p. 67), sendo ainda a língua da escola e da administração.

Já nos inícios do século XVII desenvolvia-se na Bahia uma produção literária, vazada na variante standard portuguesa, isto é, segundo os modelos da Metrópole⁽⁸⁾. Foram os jesuítas os maiores responsáveis na divulgação do português, tanto da variante standard quanto da variante de base da língua franca. Educavam não somente os filhos da elite branca (e mestiça), mas também catequisavam os índios, ensinando-lhes a expressar-se numa variante portuguesa que neutralizava algumas oposições pertinentes na variante standard. Devem-se, também, aos jesuítas as mais antigas sistematizações da língua indígena. No entanto, o tupi era a língua "associada à classe mais humilde e rude da sociedade colonial" (Silva Neto, p. 67), o que jamais lhe deu prestígio social.

As variantes lingüísticas utilizadas pelos escravos de origem africana correspondiam a grupos lingüísticos diversos e os seus utentes já conheciam, de algum modo, o crioulo português que lhes servira de língua franca.

Os fatores sociolingüísticos levam à supremacia as variantes portuguesas e à conseqüente neutralização o tupi e as línguas africanas. O português torna-se a língua geral e oficial do Brasil, isolando o tupi nas reservas indígenas e permitindo à língua africana conservar-se, exclusivamente, como variante lingüístico-social religiosa nos candomblés⁽⁹⁾.

4 LIMITES LINGÜÍSTICOS, SEGUNDO O APFB

Para determinação das prováveis correntes de expansão, selecionamos cartas do APFB que registram fenômenos fonéticos e lexicais aproximadamente na mesma área: Foram tomadas, desse modo, as seguintes cartas: 4 **Arco-íris**, 12 **Nevoeiro**, 19 **Tipo de terreno**, 22 **Umedecida (terra-) pela chuva**, 26 **Cova para semear**, 28 **Sabugo de milho**, 35 **Peça do aparelho de ralar mandioca**, 41 **Espécie de fruta anonácea, semelhante à jaca-de-pobre**, 44 **Podre, estragada (fruta-)**, 45 **Papa grossa de farinha de mandioca**, 46 **Terrina**, 49 **Recipiente para água, álcool, cachaça, etc.**, 50 **Cinza quente**, 61 **Útero**, 64 **Calcanhar**, 81 **Mestiço (prêto com cabelo liso)**, 89 **Abôrto**, 90 **Cisco que cai nos olhos**, 91 **Terçol**, 92 **Conjuntivite**, 114 **Galinha-d'angola**, 131 **Cria da ovelha**, 144 **Sela para mulher**, 145 **Peça do arreio, que passa pela barriga do animal para segurar a sela ou a carga**.

4.1 LINHAS HETEROFÔNICAS

Quatro processos fonéticos chamaram a nossa atenção, a saber:

1) realização fonética do [r] implosivo, 2) realização fonética do [l] implosivo, 3) realização fonética de [λ], 4) realização fonética do ditongo [au].

4.1.1 Realização do [r] implosivo

De acordo com a posição do segmento na cadeia fônica, encontramos o [r] implosivo quer na sílaba acentuada quer na sílaba pretônica.

As formas que atestam a sua realização em sílaba acentuada foram registradas nas cartas 49 (**dorna**), 61 (**-corpo**), 81 (**-verde**), 89 (**aborto, perca**), enquanto aquelas das cartas 44 (**mermada**), 46 (**porcelana**), 90 (**argueiro**) e 92 (**dordolho**) documentam o segmento numa sílaba pretônica.

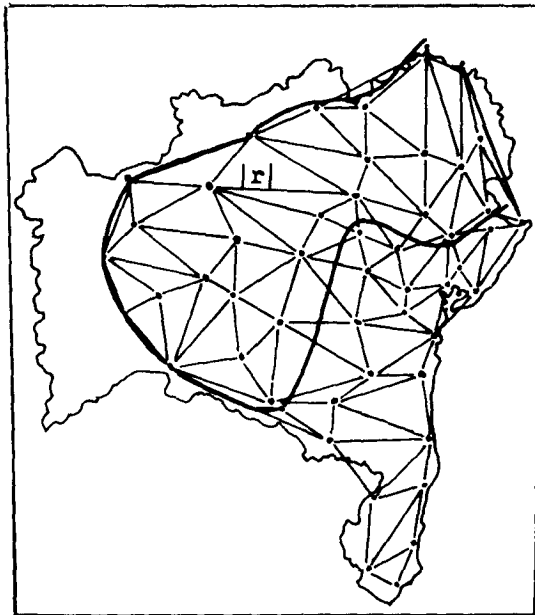
Entre as diferentes variantes realizadas distinguem-se a vibrante velar [ɔ̃] e as vibrantes alveolares [r̥] e [r], podendo ainda ser encontrada a retroflexa [ɻ̥], a realização ∅ ou a transformação em [i].

Em qualquer dos contextos fonéticos especificados a distribuição do alofone [ɔ̃] é geral, excetuando-se o P38, onde não foi registrado em posição alguma. Os índices de registro mostram 98% para [ɔ̃] em sílaba acentuada e 86% em sílaba pretônica.

O alofone [r̥] foi registrado nos dois contextos, em apenas alguns pontos e não em todas as cartas examinadas, a saber: P8 (81, 46)(10), P27 (81, 89; 90, 92), P34 (61), P37 (61, 81; 90, 92), P38 (46,

90, 92), P41 (61; 46, 90), P43 (49; 46), P44 (61, 89; 44), P46 (61; 90). Os pontos P5 (81), P14 (61), P35 (81) registram a referida variante apenas em sílaba acentuada e os P26 (90), P31 (44), P33 (44, 46), P34 (44, 46), P40 (90), P42 (90), P47 (90), P48 (90), P49 (44), em sílaba pretônica. Desse modo, encontra-se registrada numa área compacta que compreende o vale do São Francisco (P38, P40, P41, P42, P46, P47, P49, P48, P44 e P43), podendo incluir-se os P39 e P45, e a zona do Planalto (P35, P33, P34, P31, P27 e P26), com um ponto na zona do Nordeste (P14) e dois registros isolados (P5 e P8). O alofone [r] mostra, por sua vez, uma área pequena que complementa aquela do alofone [r̄], incluindo os P6 (81, 89; 46), P19 (89; 46) que registram a ocorrência nos dois contextos, além dos P14 (61, 81), P15 (81), P16 (81), P17 (81), P26 (92), P31 (81), P34 (81, 89), P36 (61), P50 (61, 81, 89) que o documentam no contexto em sílaba acentuada e dos P32 (46) e P38 (90), em sílaba pretônica. O alofone retroflexo [r̄] está registrado em apenas 9 pontos e não será levado em conta, assim como as realizações ∅, [i], [i'] ou [l].

Podemos combinar as áreas dos alofones [r̄] e [r] o que nos dará o resultado assinalado no Mapa 2, englobando o Nordeste, a zona do Planalto e a zona do São Francisco, com maior incidência nessas duas últimas.



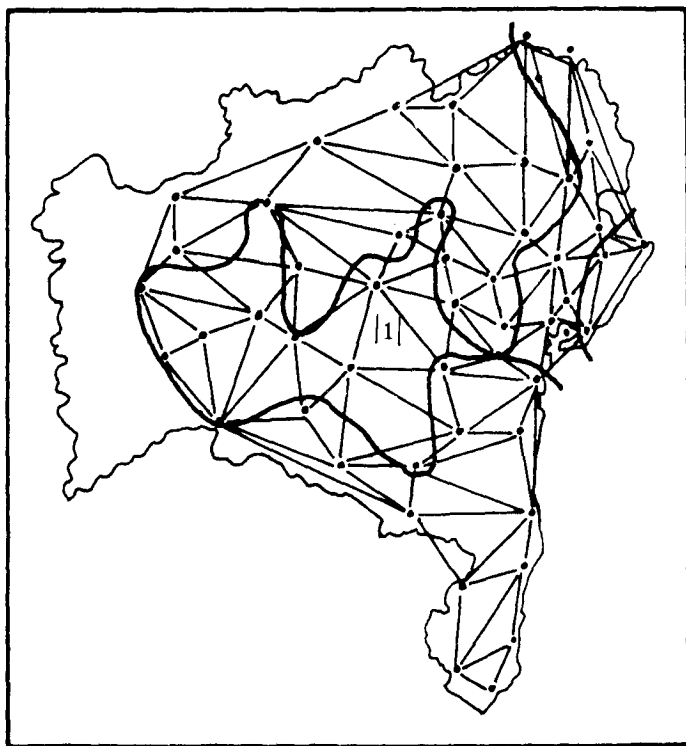
Mapa 2 — Área de realização do [r] implosivo como vibrante alveolar não-retroflexa.

4.1.2 Realização do |l| implosivo

Observamos realizações consonânticas e vocálicas, tais como: lateral [l] ou [l̥], vibrante [ɖ], [r̥], [r], [r̥], [r̥], [r̥], vocálica [uɔ], [ul̥] ou ainda a realização ∅(11).

São de nosso interesse, pela incidência do registro, as realizações como vibrante alveolar não-retroflexa: [r] e [r̥].

O alofone [r] está registrado nos P13 (45), P16 (50), P19 (45, 50), P37 (64), P38 (64), P42 (64) e P50 (64), enquanto [r̥] apresenta uma área mais compacta, P4 (64), P8 (64), P22 (50), P24 (64), P27 (64), P32 (64), P33 (64), P34 (64), P35 (64), P38 (64), P43 (64), P45 (45, 50, 64), P48 (64), P49 (64). A menor área de incidência localiza-se na zona do Planalto e em parte da zona do São Francisco, como se vê no Mapa 3.

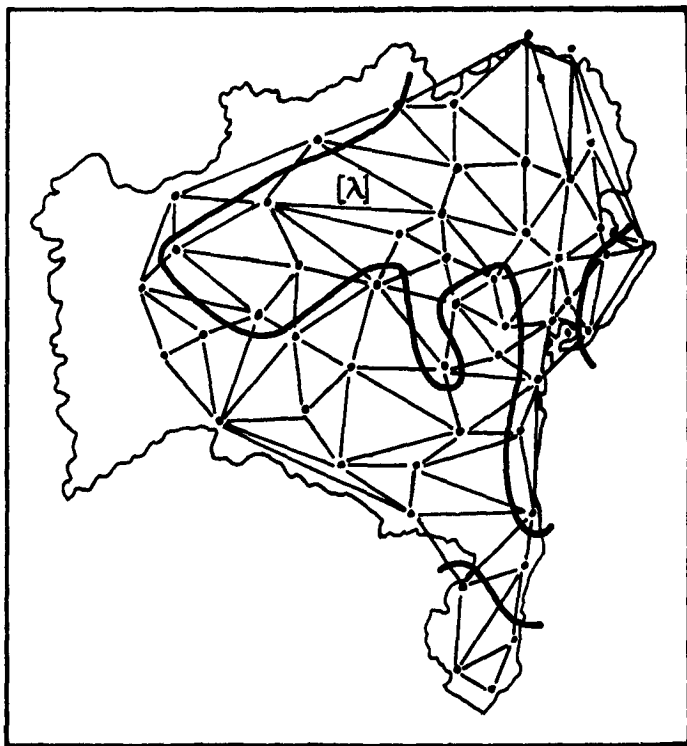


Mapa 3 — Área de realização do |l| implosivo como vibrante alveolar não-retroflexa.

4.1.3 Realização de $|\lambda|$

A iotização da lateral $|\lambda|$ em $[y]$ ou $[i]$ é o processo generalizado, mostrando um índice de 92%. Além dessa variante, temos a realização como lateral palatal $[\lambda]$ ou a sua redução a \emptyset e apenas uma ocorrência de $[l]$ (12).

Examinaremos, somente, a área de $[\lambda]$: P3 (50), P4 (22, 92), P6 (92), P7 (50), P8 (92), P10 (92), P11(22), P12 (22, 50), P13 (92), P14 (50), P15 (22), P16 (22), P17 (22, 92), P19 (92), P21 (22, 50, 92), P27 (22, 50, 92), P28 (22, 92), P30 (22), P31 (22, 92), P37 (50), P38 (50), P39 (22, 50, 92), P42 (28, 92), P43 (22, 28, 50), P47 (92), P50 (92). Se excluirmos os pontos do Extremo Sul (P10, P11, P12 e P50), obteremos uma área contígua que inclui parte da zona Sul, a zona do Nordeste e parte do Planalto e do vale do São Francisco, como demonstra o Mapa 4.

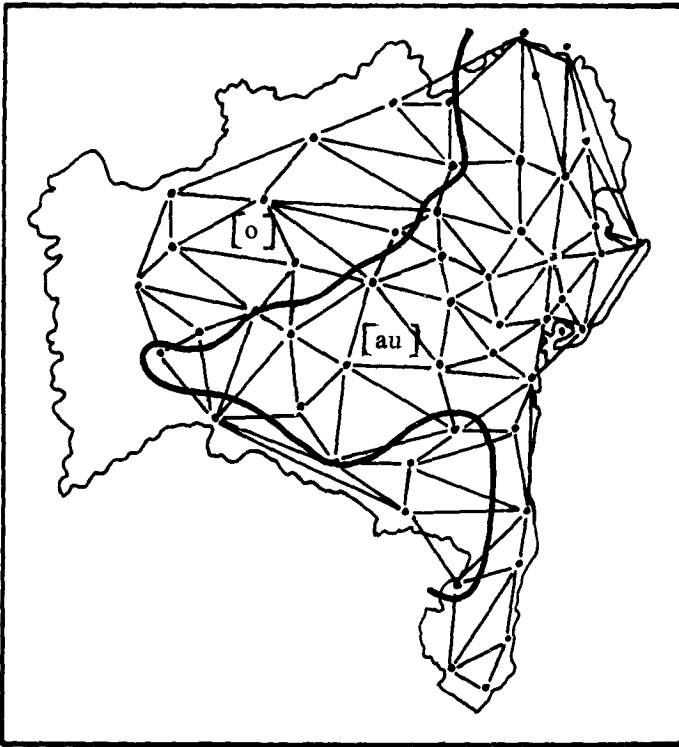


Mapa 4 — Área de realização de $[\lambda]$.

4.1.4 Realização de |au|

O APFB registra a conservação do ditongo [au] ou a sua monotongação, além de uma realização [ou](13).

Duas áreas bem distintas marcam a realização de [au] e a heterofônica a ser traçada passaria pelo P39, excluiria P26, incluiria P27, excluiria P30 e P31, cortaria P43, excluiria P44, contornaria P48, excluiria P45, cortaria P36, excluiria P23, alcançando P10, o qual seria também excluído. A parte leste e sudoeste corresponde a [au], enquanto ao noroeste temos [o](14), como se vê no Mapa 5.

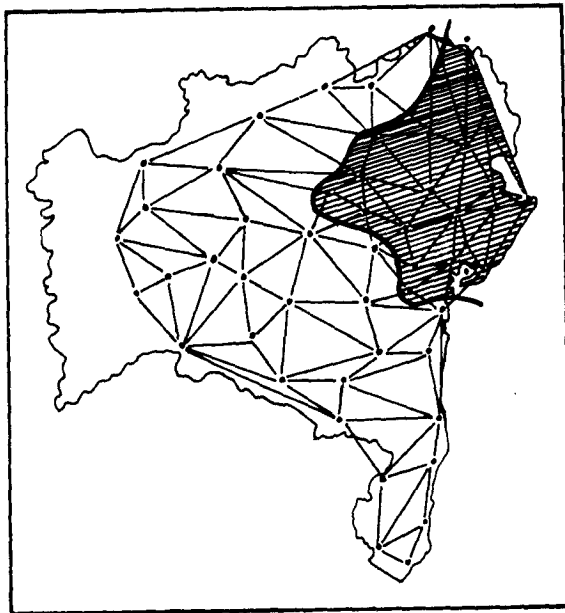


Mapa 5 — Conservação [au] e monotongação [o] de |au|.

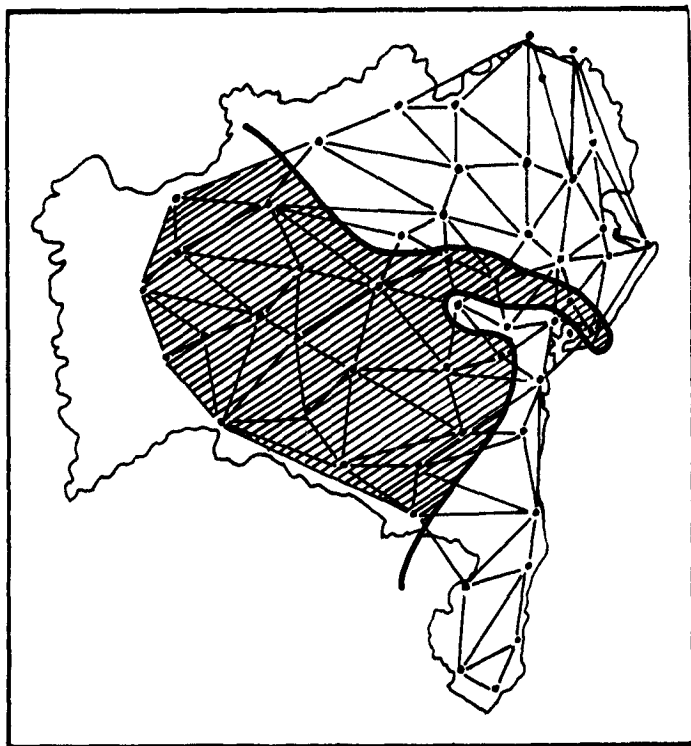
4.2 LINHAS HETEROLÉXICAS

Passaremos, em seguida, a mostrar a superposição de algumas áreas lexicais. De antemão, faz-se necessário advertir que o tracejamento das heteroléxicas é problemático, talvez em virtude da facilidade com que “as palavras viajam”.

Tomamos as seguintes cartas de interesse lexical: 4 Arco-íris, 12 Nevoeiro, 22 Umedecida (terra-) pela chuva, 26 Cova para semear, 35 Peça do aparelho de ralar mandioca, 41 Espécie de fruta anonácea, semelhante à jaca-de-pobre, 91 Terçol, 114 Galinha-d'angola, 131 Cria da ovelha, 144 Sela para mulher, 145 Peça do arreio, que passa pela barriga do animal para segurar a sela ou a carga. Abandonamos as lexias registradas na maioria dos pontos ou aquelas cuja incidência não era significativa, considerando, em alguns casos, apenas a coincidência de determinadas lexias numa área contígua, o que nos permitiu traçar duas áreas. A primeira inclui o Recôncavo e abrange todo o Nordeste; a segunda parte do Recôncavo pelo vale do Paraguaçu e alcança o Planalto e o vale do São Francisco, como se pode observar nos Mapas 6 e 7(15).



Mapa 6 — Área de incidência (82,6%) de pelo menos quatro das lexias *rodete*, *araticum*, *terçol*, *saquê*, *borrego*, *setim*.

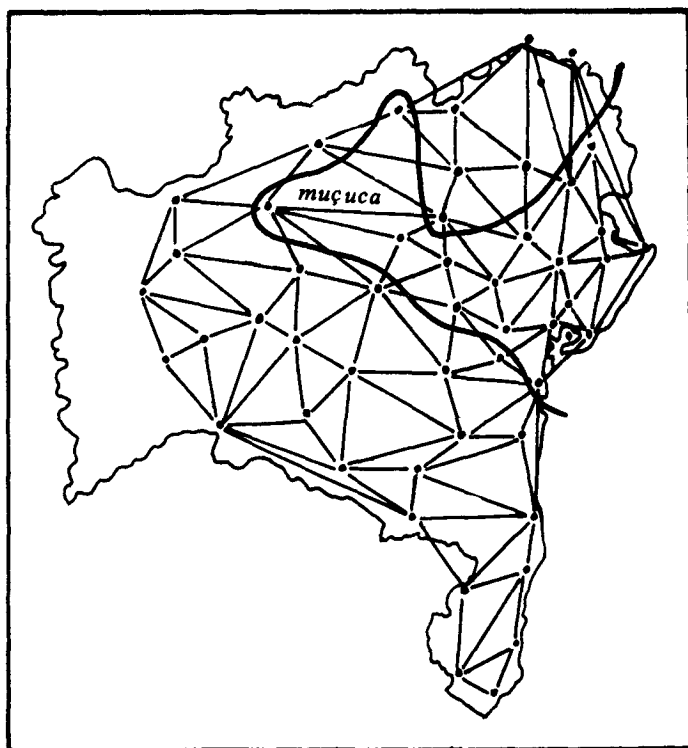


Mapa 7 — Área de incidência (92%) de pelo menos cinco das lexias *arco-da-velha*, *librina(neblina)*, *sarolha*, *bolinete*, *articum*, *espinha*, *coquém*, *cabrito*, *silhão*, *barrigueira*.

A área do Nordeste inclui registros que incidiram numa frequência de pelo menos 4 lexias num percentual de 46% dos pontos do APFB. A área contígua que delimitamos corresponde a um índice percentual de 82,6%. A área do Planalto e do vale do São Francisco foi delimitada a partir da incidência de pelo menos 5 lexias, num percentual de 50% dos pontos do APFB, correspondendo, no seu total, a 92% dos registros.

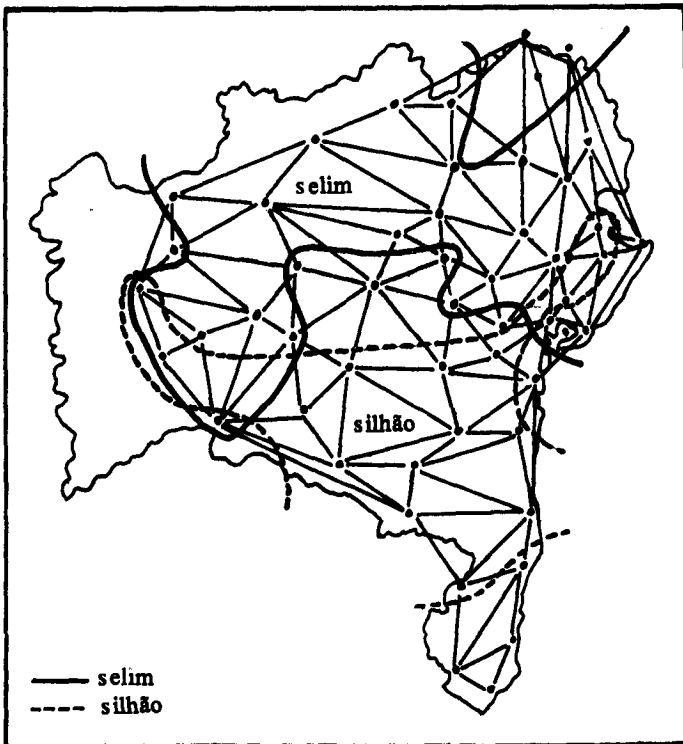
O exame das demais cartas nos possibilitou isolar áreas lexicais caracterizadas pelo registro de determinada lexia: **muçuca** (26), **sellm** (144), **silhão** (144), **chíncha** (145) e **barriguelra** (145).

Muçuca está registrada em 40% dos pontos, sendo 90% de área contínua, a qual parte do Recôncavo, abrange o Nordeste e alcança o vale do São Francisco, como se vê no Mapa 8.



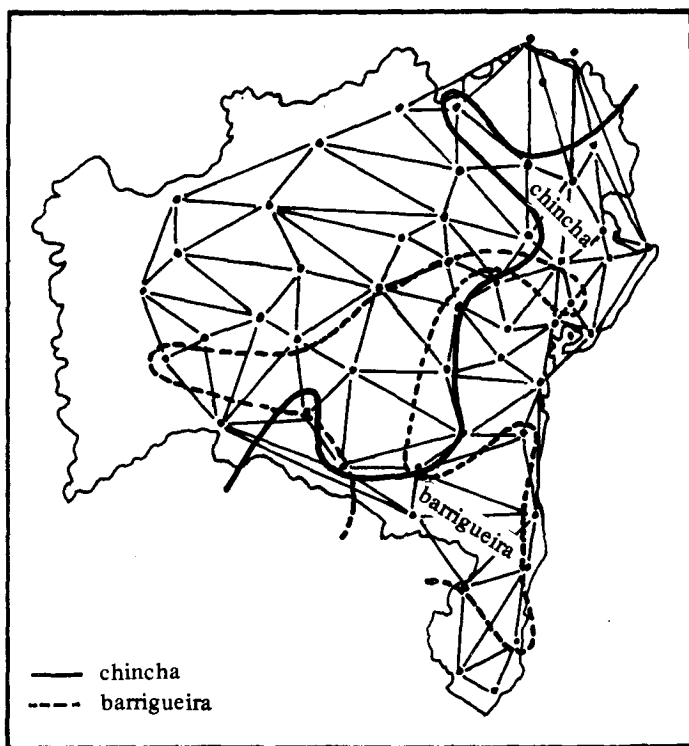
Mapa 8 — Área de *muçuca* (C26).

As áreas de **selim** (144) e **silhão** (144) não são coincidentes, com exceção dos P2, P3, P48 e P49. **Selim** está registrada do Recôncavo para o Nordeste, descendo o São Francisco, enquanto a área de **silhão** parte do Recôncavo pelo vale do Paraguaçu e alcança o Planalto e o São Francisco, o que se pode observar no Mapa 9.



Mapa 9 — Áreas de *selim* e *silhão* (C144), excluindo o Extremo Sul.

Finalmente, as áreas de **chincha** (145) e **barrigueira** (145) mostram-se também não superpostas, com exceção dos P3, P7, P10 e P11. A área de **chincha** abrange o Recôncavo, porção do Nordeste e a zona do tabuleiro. As lexias registradas nas zonas Sul e Extremo Sul podem ser consequência de uma infiltração a partir de P35 e P25, não sendo, por esse motivo, levadas em conta no presente trabalho. A área de **barrigueira**, à exceção de P7, P10 e P11, sai do Recôncavo (P3), alcança o Planalto e chega até ao vale do São Francisco, como demonstrado no Mapa 10.



Mapa 10 — Áreas de *chincha* e *barrigueira* (C145).

5 CONCLUSÃO

Examinado o aspecto sócio-cultural, analisados os fatores lingüísticos e delimitadas, segundo os registros do APFB, as duas áreas lingüísticas que correspondem às infiltrações provenientes da colonização, a partir, respectivamente, da Casa da Torre e da Casa da Ponte, resta-nos, à guisa de conclusão, relacionar os fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que comprovam a nossa hipótese.

Desse modo, com os dados obtidos até o momento, podemos afirmar:

a) A área de realização do [ɾ] implosivo como variante alveolar (cf. Mapa 2) poderia ser um resultado decorrente da penetração da Casa da Torre.

b) O Mapa 3 assinala a área onde o [ʀ] implosivo é realizado como vibrante alveolar, numa ampla zona, quase coincidente com a anterior, o que poderíamos também julgar ser consequência da penetração da Casa da Torre.

c) O Mapa 4, que representa a realização da lateral palatal [ɭ], mostra uma zona de incidência semelhante às duas anteriores, a que se pode atribuir a mesma causa, ou seja, um resultado da penetração da Casa da Torre.

d) A conservação [au] ou a monotongação [o] do ditongo |au| (cf. Mapa 5) parecem indicar a conservação como um traço decorrente da penetração da Casa da Ponte, em virtude de abranger todo o Planalto e o vale do São Francisco.

e) O percentual de incidência das lexias, demonstrado nos Mapas 6 e 7, indica duas áreas que corresponderiam à expansão da língua portuguesa, a partir das correntes de irradiação da Casa da Torre (Mapa 6) e da Casa da Ponte (Mapa 7).

f) A área da lexia **muçuca** (cf. Mapa 8) parece resultar da corrente de colonização da Casa da Torre.

g) As áreas de **selim** e de **silhão** representam, exatamente, a nosso ver, as duas correntes de penetração, a saber, a de **selim** é o resultado da expansão originária da Casa da Torre, enquanto a de **silhão** corresponderia àquela da Casa da Ponte. O Mapa 9 mostra que as duas áreas não se superpõem.

h) As lexias **chíncha** e **barrigueira**, cujas áreas estão traçadas no Mapa 10, poderiam também corresponder a penetrações diferentes, ou seja, a

de chinha seria resultante da expansão a partir da Casa da Torre, enquanto a de barrigieira seria decorrente daquela da Casa da Ponte.

Acreditamos, com as observações acima, ter conseguido demonstrar a possibilidade de existência de duas correntes de irradiação da língua portuguesa na Bahia. No entanto, somente com a realização de novas pesquisas, visando ao estudo das variantes lingüístico-regionais portuguesas, utilizadas na Bahia, e ampliando, por conseguinte, o número dos fatos que confirmam a referida hipótese, poderemos comprovar, definitivamente, a sua veracidade.

1 Cf. Gama, Nilton Vasco da. *Estudo lingüístico de uma comunidade do Recôncavo baiano, Maragogipe; questionário*. Salvador, UFBA, IL, DLR, 1973-1974. 8v. mimeogr.

2 A triangulação dos mapas determina o que compreendemos como área dos "falares baianos". Cf., a propósito, o artigo: Algumas observações sobre as variantes sociais dos dialetos baianos, com base no APFB: um estudo sociolingüístico (Gama, 1976).

3 Tomamos o termo na sua acepção histórica, em oposição à Cidade do Salvador.

4 Os mapas são reduções da carta de base do APFB (Rossi, 1963).

5 Cf., por exemplo, De Sivers (p. 63): "Les causes sociales, au sens étroit du mot, sont probablement les facteurs les plus importants de différentiation linguistique".

6 Não seria fora de propósito lembrar a afirmativa de Calmon (1939, p. 75), a respeito dos limites das terras pertencentes às duas Casas: "Soara a hora das acomodações. Garcia e Guedes trataram como nações. Ajustaram dividir amigavelmente as suas terras de Jacobina e nordeste. E acertaram que do Rio Real se botasse um rumo para a serra de Taipiaba, que cai sobre o Itapicurú, e da ponta da serra outro rumo ao poente até a nascente do mesmo Itapicurú, donde uma linha partiria para o São Francisco, ficando com a Tôrre a parte do Nordeste, com os Guedes a do Sul".

7 Alguns indígenas eram mencionados pelos cronistas como *línguas*, isto é, intérpretes.

8 Era em Lisboa e Coimbra que se educavam os filhos das famílias brasileiras nobres e abastadas.

9 Empregamos a *lexia* com o sentido de 'comunidade religiosa, de base africana'.

10 Os números grifados indicam as cartas do APFB.

11 As variantes [ɫ], [ɐ], [u], [uɐ], [uɫ] representam a realização velar do segmento e fogem ao interesse da nossa análise. As variantes retroflexas podem representar uma contaminação. A realização 0 poderia estar ligada ao desenvolvimento do processo de velarização, por isso a abandonamos.

12 P40 (28).

13 Apenas 4 pontos não apresentam registros, P37, P38, P39 e P41, todos no vale do São Francisco.

14 Em Coqueiros (Maragogipe - Bahia), entretanto, obtivemos [to, a] *taúá* nos registros gravados dos informantes 2 e 16, para designar "...um barrozinho vermelho..." (inf. 16). Os dois informantes utilizam a variante lingüístico-social dos fabricantes de objetos de barro (*louça* e *alguidares*) que analisamos na

comunicação apresentada ao I Encontro Nacional de Lingüistas, *Breves considerações sobre o vocabulário de uma variante lingüístico-social profissional em Maragogipe*, 1976. 28f. il. datilogr.

15 As lexias utilizadas para confecção dos mapas 6 e 7 encontram-se registradas nas cartas cujos números vão indicados entre parênteses. Mapa 6: *rodere* (35), *araticum* (41), *terçol* (91), *saqüé* (114), *borrego* (131), *selim* (144). Mapa 7: *arco-da-velha* (4), *librina (neblina)* (12), *sarolha* (22), *bolinete* (35), *araticum* (41), *espinha* (91), *coquém* (114), *cabrito* (131), *silhão* (144), *barrigueira* (145).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Em Lingüística

- ALONSO, Amado. Algunas cuestiones fundamentales; la base lingüística del español americano. In: _____. *Estudios lingüísticos; temas hispano-americanos*. 3. ed. Madrid, Gredos, c 1967. p. 7-60. (Biblioteca románica hispánica, II, 12).
- BORODINA, Melitina A. La lecture des cartes de l'ALF et le tracement des isoglosses. In: MÉLANGES de linguistique romane et de philologie médiévale; offerts à M. Maurice Delbouille, I. Linguistique romane. Gembloux, J. Duculot, 1964. p. 93-98. il.
- BOURCELOT, Henri. L'atlas linguistique et ethnographique de la Champagne et de la Brie et les limites linguistiques. In: MARCELLESI, Jean-Baptiste, org. Linguistique et société. *Langue Française*, Paris, 9: 82-92, 1971.
- CAMARA JR., J. Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965. 230p. il. (Biblioteca brasileira de filologia).
- CAZACU, B. Despre dinamica limitelor dialectale. *Fonetica si Dialectologie*, Bucuresti, 5: 27-40, 1963.
- DE SIVERS, Fanny. Contacts, convergences, divergences. In: MARTINET, André, dir. *La linguistique; guide alphabétique*. Paris, Ed. Denoël, c 1969. p. 60-63. Avec la colab. de Jeanne Martinet et Henriette Walter.
- GAMA, Nilton Vasco da. Algumas observações sobre as variantes sociais dos dialetos baianos, com base no APFB; um estudo sociolingüístico. In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 14. Napoli, 15-20 apr. 1974. *Atti*. Amsterdam, John Benjamin B. V., 1976. v.2, p. 365-80. il.
- GRANDA, Germán de. Dialectología, historia social y sociología lingüística en Iscuande, Departamento de Nariño, Colombia. *Thesaurus*, Boletín del Instituto Caro y Cuervo, 28 (3): 445-70, set.-dic. 1973.
- GUITER, Enric. Els Limits linguistics. *Miscel·l·nea Barcinonensia*, Revista de Investigación y Alta Cultura, Barcelona. 11 (31): 7-53. 1972.
- KURATH, Hans. *Studies in area linguistics*. 2. print. Bloomington, Indiana University Press, c 1974. xii+202p. il. (Indiana University Studies in the History and Theory of Linguistics).
- ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos*; Rio de Janeiro. MEC, INL, UFBA, FF, LF, 1963. 14p., xi+198 cartas. il. (Atlas lingüísticos). Com a colab. de Dinah Maria Isensee et alii.
- Atlas prévio dos falares baianos: introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas*. Rio de Janeiro, MEC, INL, UFBA, FF, LF, 1965. 122p. il.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. aum. rev. pelo autor. Rio de Janeiro, MEC, INL, 1963. 273p. (Biblioteca científica brasileira, Filologia, 5).

Em História

- AZEVEDO, Thales de. *Povoamento da Cidade do Salvador*. 2. ed. São Paulo, Nacional, 1955. 504p. (Bibl. pedagógica brasileira, 281).
- CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre; uma dinastia de pioneiros*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939. 210p. il. (Documentos brasileiros, 22).
- História da fundação da Bahia*. Bahia, Secretaria de Educação e Saúde, 1949. 257 p. il. (Publicações do Museu do Estado, 9, Comemorativa da Fundação da Cidade do Salvador).
- FUNDAÇÃO IBGE, Instituto Brasileiro de Estatística, Departamento de Censos. *Censo demográfico, Bahia; VIII recenseamento geral - 1970*. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1973. Lxxx+845p. il. (Série regional, I, 3).
- OTT, Carlos B. *Formação e evolução étnica da Cidade do Salvador; o folclore baiano*. Salvador, Tip. Manú, 1955. xvi+238p. il.
- SILVA, Ignacio Accioli de Cerqueira e. *Memórias históricas e políticas*. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1940. v.6, xiv+410p. Mandadas recitar e anotar pelo Governo deste Estado. Annotador, Braz do Amaral.
- SIMONSEN, Roberto C. *História econômica do Brasil, 1500-1820*. 3. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957. 475p. il. (Biblioteca pedagógica brasileira, grande formato, 10).
- TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 4. ed. Salvador, Ed. Itapuã, c 1969. v.1, 164p. il.
- VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Bahia, Ed. Itapuã, c 1969. v. 1, 292p.

RESUMO

A partir de fatores extra-lingüísticos procura-se verificar a validade da hipótese de existirem duas correntes de penetração da língua portuguesa no território da Bahia, partindo, respectivamente, da Casa da Torre e da Casa da Ponte. Analisam-se, traçando linhas heterofônicas e heteroléxicas, os registros de 24 cartas do Atlas prévio dos falares baianos (APFB), na tentativa de estabelecer as relações entre os limites lingüísticos e o aspecto sócio-cultural, e de mostrar as coincidências observadas entre as áreas lingüísticas e as zonas de penetração irradiadas da Casa da Torre ou da Casa da Ponte.

RESUMÉ

D'après des facteurs extra-linguistiques, on essaie de vérifier la validité de l'hypothèse de l'existence de deux courants de pénétration de la langue portugaise dans le territoire de Bahia, à partir de la Casa da Torre (Maison de la Tour) et de la Casa da Ponte (Maison du Pont). En traçant des lignes hétérophoniques et des lignes hétérolexiques on analyse les enregistrements de 24 cartes de **L'Atlas prévio dos falares baianos (APFB)**, en vue de trouver les relations entre les limites linguistiques et l'aspect socio-culturel et de montrer les coïncidences observées entre les aires linguistiques et les zones de pénétration liées à la Casa da Torre et à la Casa da Ponte.